

“Vénus” - Cláudio Garrudo

20 Fevereiro / 20 Março 2015

H'Art Gallery

Ao longo do seu percurso como fotógrafo, Cláudio Garrudo tem centrado o seu olhar artístico e explorado a sua sensibilidade em três eixos temáticos e formais. Um primeiro que se movimenta em torno da cumplicidade e intimidade com o Outro, seja na série «Empty beds» (2008) em que coloca o espectador como voyeur de espaços temporariamente habitados, seja na série «Borderline» (2010) que nos confronta com comportamentos e situações nos limites da sanidade e insanidade. Este lado humanista e pessoal, em territórios que nem sempre conhecemos mas onde poderemos descodificar algum “interior escondido”, tem sido um dos aspectos mais marcantes e autorais da actividade artística de Cláudio Garrudo. O segundo aspecto é a aproximação formal à Pintura, cruzando-a a com a experiência da Fotografia, entrando assim no âmbito mais alargado e expandido da Imagem, um dos grandes temas da prática e da teoria da Arte Contemporânea. Uma apropriação do legado da Pintura, seja pelo enquadramento, iluminação, cromatismo ou pelas poses e ambientes a que Garrudo recorre, em diálogo com o seu olhar contemporâneo, da qual resultam fotografias de forte cariz plástico, de onde se poderia destacar a série «Quintetos» (2014) ou a obra «Trindade» (2014). Um terceiro e último aspecto relacionado com a temática do corpo, subjacente ao seu percurso artístico, seja de forma directa e presencial, não raras vezes num registo de (auto) retrato ou de (auto) representação, seja pela sua ausência ou sugestão. Um corpo desfocado, parcialmente visível, em manchas cromáticas e contrastantes, como ficções de uma realidade.

«Vénus» retoma e manifesta-se nestes três eixos de forma mais madura e assumida. Desde logo no nome da exposição, uma referência ao cariz simbólico da deusa romana do Amor e da Beleza, aqui representada não de forma explícita, mas antes no domínio do sensorial. Não lhe vemos o rosto, desconhecemos, porventura, a sua condição ou as circunstâncias em que se encontra... Porém, vem-nos à memória e ao sentimento a afirmação da Mulher, plena de força e de vontade, orgulhosa de si mesma e da vida que dentro nasce. Corpos disformes, formas pictóricas, em metamorfose, que nos remetem para territórios da imaginação, a de cada um, onde a sensualidade e o erotismo subjacentes à Mulher se assumem enquanto assunto.

Ana Matos

Lisboa, Fevereiro de 2015